



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

UMA ANÁLISE DAS VOZES PASSIVA, TRATAMENTO E MODAL NA LÍNGUA
JAPONESA

Alessandro de Souza Medeiros

Rio de Janeiro

2023

ALESSANDRO DE SOUZA MEDEIROS

UMA ANÁLISE DAS VOZES PASSIVA, TRATAMENTO E MODAL NA LÍNGUA
JAPONESA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Japonês.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

M488 Medeiros, Alessandro de Souza
UMA ANÁLISE DAS VOZES PASSIVA, TRATAMENTO E
MODAL NA LÍNGUA JAPONESA / Alessandro de Souza
Medeiros. -- Rio de Janeiro, 2024.
37 f.

Orientador: Alessandro Boechat de Medeiros.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2024.

1. Linguística. 2. Gerativa. 3. Morfologia
Distribuída. 4. Voz passiva, tratamento e potencial.
I. de Medeiros, Alessandro Boechat, orient. II.
Título.

Agradecimentos

O final de uma graduação, que durou longos cinco anos, dizem ser a parte mais difícil para todos; no entanto, subestimei a dificuldade da qual todos falavam, já que sempre tive um lugar para retornar quando as coisas desandavam. Durante esses anos, tanto desta graduação quanto em todos os anos, nos quais estive na posição de estudante, sempre a tive comigo, agora, no fim, já não tenho mais, justo na hora dos louros da vitória. Ainda mais agora, percebo a importância do suporte parental, não somente financeiro, mas emocional, mesmo com suas ressalvas, que eram enormes. Nos anos da graduação experienciamos muitas coisas, novas amizades, desavenças, a descoberta de novos mundos e desconstrução deles, ora o que achávamos ser o nosso futuro se fecha, e outra janela se abre com novas possibilidades, ao menos foi assim para mim. Acredito que essa possibilidade de refletir e repensar foi mérito da existência de alguém, que sempre estive no *backstage*, que sempre, mesmo sendo uma pessoa extremamente egoísta e narcisista, esteve como uma pilastra na qual você pode se apoiar, mesmo com ressalvas. As escolhas de uma vida para os outros, as marcas do nascimento humilde e da força necessária para sobreviver fizeram esse pilar ser de chapisco, mas ainda um pilar que durante todos esses longos vinte e seis anos de vida sustentou minha casa. Obrigado por tudo, vó.

Nesse agradecimento não cabem todas as pessoas que fizeram parte desse longo e árduo processo de construção e desconstrução, todos os professores que fizeram parte dessa jornada que é a graduação. Alguns desses professores são marcantes e devem aparecer nesse texto, mas nem porque todos não aparecem que não são marcantes, só que alguns deles estão e parece que sempre vão estar presentes nesse processo, que não só é meu, como é nosso.

À Barbara que pôde e quis participar de cada metamorfose, e foram muitas, de cada mudança de hiper foco, de cada desvanecimento lúcido que vivi durante toda essa graduação, de todas as longas viagens de ônibus, indo e voltando para o grande fundo, de todos os burburinhos acadêmicos, por isso tudo meu obrigado. Meu mais que obrigado, por me deixar, também, participar das suas metamorfoses e compartilhar nossa existência.

A todos os colegas, que se fossem citados um a um seriam intermináveis, já que participam ativamente do meu fazer universitário e já ouviram muitas vezes as minhas lamúrias insolúveis sobre educação, ciência ou qualquer outra bobagem como a disposição das cadeiras no Starbucks da Letras. Alguns ouvindo reclamações mais fortes e aclamações de um velho

branco e inglês, Stella, outros das teorias linguísticas, Letícia e Alexandra, outros dos desamores e do ódio ao militarismo, Joel e Rafaella, da esperança nas pessoas, Gabriela, mesmo que você discorde, da coragem para nunca desistir, Steffanie. Esses são só os que eu me lembro agora, mas vocês são muitos, e são sempre bons ouvidos e fizeram toda diferença, assim como os alunos da monitoria de sintaxe que ouviram minhas reclamações da falta de coordenação e cooperação dos professores.

Ao meu orientador, Prof.^o Dr. Alessandro Boechat de Medeiros, que não só aceitou de bom grado orientar um maluco, mas também transformou a universidade numa extensão do lar. Como ele mesmo disse num congresso recente, agora vem a parte louca: aceitou orientar um tema esquisito, numa língua que ele não fala, e com um estudante que nunca tem certeza de qual teoria linguística ele vai adotar, contudo, ele o fez. Pela esperança e fé, meu profundo obrigado.

À minha segunda mãe, Prof.^a Dr.^a Maria Eugênia Lammoglia Duarte. Como você sempre gosta de lembrar que eu fazia “cara feia” quando explicava as orações, não colocando a construção sintática ou estrutura arbórea. Você foi, e é, minha inspiração e esperança no futuro, não só como exemplo de vida, mas como exemplo de humano. Aprendi com você a respeitar minha opinião e a não temer defendê-la até o último fio de cabelo sem deixar de respeitar outras teorias, com dados e boa ciência; aprendi também que para ser respeitado não é preciso ser insensível ou grosso, mas sim ter um bom trabalho, distribuir sementes de árvores com flores, e esperar o resultado; elas costumam ficar lindas na primavera.

À Sachiyo Gondou que transformou para sempre a minha percepção do que é ensinar, do que é ter fé na mudança e do novo paradigma de ensino-aprendizagem. Levou longos seis meses para que eu acreditasse no que você estava dizendo, eu fiz o que você disse, do meu jeito, e graças a você os resultados me mostraram que não só a educação tinha um jeito diferentemente possível de se fazer, mas que também existia um novo modo de ser professor, de ser *kuroko*. Você diz que não, mas isso não seria possível sem você, sem a sua paciência e dedicação para assistir as diversas horas de aulas de japonês básico e de um estrangeiro ensinando japonês duvidosamente, por isso *makoto ni arigatou gozaimasu*. Em uma entrevista que fizemos, você disse que eu parecia me sentir abençoado pelos professores que cruzaram meu caminho; não deveria?

O lado bom

Quero ser uma ilha,
um pouco de paisagem,
uma janela aberta,
uma montanha ao longe,
um aceno de mar,

Quando precisares de sonho,
de um canto de beleza,
de um pouco de silencio,
ou simplesmente
de sol... e de ar...

Quero ser o lado bom
em que pensas,
(isto que intimamente
a gente deseja
mas nem sempre diz)
quero ser, naquela hora,
o que sentes falta,
para seres feliz...

Que quando pensares
em fugir de todos
ou de ti mesma, enfim,
penses em mim...

Fim

Marly Viana de Souza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	DESENVOLVIMENTO	3
2.1	A morfologia distribuída	3
2.2	As três listas	3
2.3	Três principais características	4
2.4	O fenômeno das vozes	5
2.5	A voz passiva	6
2.6	Tipos de passivas	6
2.6.1	Passivas Diretas	6
2.6.2	Passivas Indiretas (Possessivas)	7
2.6.3	Passivas Indiretas (ininterruptas)	7
2.7	Tratamento ou <i>Keigo (Sonkeigo)</i>	8
2.8	Voz Potencial	9
2.9	Estratégia <i>Ranuki</i>	11
2.10	Uma Abordagem Unificada	11
2.11	A Distribuição de <i>-rare</i> em Resumo	12
3	ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA	14
3.1	Uma teoria uniforme ou não uniforme da passiva	15
3.2	O que a tradição diz	17
3.2.1	Disponibilidade de equivalentes na voz ativa	17
3.2.2	A proposta de Ishizuka para análise passiva	20
3.3	Nossa análise	22
4	CONCLUSÃO	28
4.1	Resumo das Descobertas	28
4.2	Contribuições para o Campo	28

4.3	Perspectivas Futuras	28
4.4	Contribuição para a Linguística na UFRJ e no Brasil	28
4.5	Considerações Finais	29
	Referências	30

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia tem por objetivo analisar o morfema *(r)are* na língua japonesa sob a perspectiva da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), com a finalidade de esclarecer melhor e contribuir para uma discussão mais aprofundada da aplicação desse morfema, que realiza três possibilidades de núcleos de voz, no ensino de língua japonesa em sala de aula e em futuras produções acadêmicas. Desse modo, a Morfologia Distribuída, ou MD, contribuí como suporte teórico para uma discussão não lexicalista do problema apresentado. Para a MD as palavras não são blocos atômicos que são apenas concatenados pela sintaxe, mas são, também, formadas pela interferência sintática num caldo regido pelas mesmas regras que regem estruturas maiores como orações, discordando assim das teorias lexicalistas.

Nesse sentido, nosso objeto de estudo é a língua japonesa e o morfema que realizará três núcleos de voz: passiva, tratamento ou respeito e modal. Ou seja, o morfema em questão, *(r)are*, vai, aqui, realizar três núcleos diferentes, gerando assim ambiguidades que são, no contexto, eliminadas com algumas dificuldades pelos falantes, talvez, motivando até um processo de variação e mudança que será evidenciada ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Vejamos então o problema em questão:

1) Formas passiva (em (a)), tratamento (em (b)) e modal (em (c)):

a) *Watashi wa ame ni fu-rare-ta.*

Eu NOM/TOP chuva DAT chover-passiva-passado.

Choveu em mim.

b) *Felipe-san wa dou omow-are-masu-ka?*

O senhor Felipe NOM/TOP como pensar-tratamento-polidez?

O que o senhor acha?

c) *Ebi ga tabe-rare-masu-ka?*

Camarão NOM (você/eu) comer-modal-polidez?

Você pode comer camarão?

Na sentença (1a), observamos a voz passiva realizada com *(r)are*. Em (1b), vemos o mesmo morfema seguindo o mesmo paradigma de flexão. Já em (1c), na leitura modal, essa sobreposição ocorre apenas nos verbos do grupo II, ponto a ser explicado posteriormente. Portanto, existem contextos nos quais a omissão do sujeito, do agente da passiva, que em japonês pode ser ou não termo integrante, ou mesmo a mudança da marca do objeto e/ou sujeito (explicitadas posteriormente) podem causar ambiguidade nas sentenças. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar a fundo os diversos contextos nos quais esse morfema é realizado, e postular uma representação subjacente, sob a perspectiva gerativa, para as formas por ele expressas. Este estudo deve abranger as possíveis realizações do morfema "are" e propor um modelo representacional para as formas passiva, de tratamento e modal.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A morfologia distribuída

A Morfologia Distribuída é uma teoria linguística que se concentra na análise da estrutura das palavras, assumindo que as operações que geram palavras são as mesmas que geram sentenças e que há um homomorfismo no mínimo parcial entre sintaxe e morfologia. Essa teoria propõe uma abordagem alternativa à morfologia tradicional e à morfologia lexicalista de orientação gerativa que dominou os anos 1970, 1980 e 1990 do século XX.

“A teoria da Morfologia Distribuída separa as propriedades formais, fonológicas e semânticas das palavras em três listas distintas, acessadas em diferentes momentos da derivação (e daí vem o nome *Morfologia Distribuída*)” (MEDEIROS, A. B., 2022, p. 107).

2.2 As três listas

Essas três listas são: o **léxico estrito**, que contém os traços morfossintáticos e feixes de traços que serão combinados pelas operações e regras sintáticas de uma língua dada; o **vocabulário**, que estabelece correspondência entre os traços fonológicos e morfossintáticos; e a **enciclopédia**, que lista os significados não gramaticais das raízes, em contextos sintáticos específicos.

A Morfologia Distribuída é eficaz para lidar com fenômenos morfológicos complexos, como o sincretismo, devido à sua abordagem separacionista. Essa teoria permite uma representação modular e flexível dos processos morfológicos, facilitando a distinção entre diferentes funções gramaticais, mesmo quando há formas idênticas na superfície. A natureza modular da morfologia distribuída também facilita a explicação de fenômenos morfológicos aparentemente idiossincráticos e é compatível com a variação linguística, sendo capaz de incorporar diferentes regras morfológicas em módulos específicos.

Ao longo da derivação das palavras e da sentença, uma derivação sintática em Morfologia Distribuída manipula o conteúdo das três listas de que falamos acima: o léxico estrito, o vocabulário e a enciclopédia.

Do léxico estrito, a lista 1, retira-se um conjunto de traços e feixes de traços morfossintáticos, montando-se uma pré-seleção de itens que participarão de uma dada derivação sintática. Essa pré-seleção, aproveitando um nome proposto por Chomsky (1995), é

normalmente chamada de “numeração”. Os itens da numeração serão concatenados dois a dois a partir da operação sintática merge.

Após as operações sintáticas, acontece o Spell-Out, e a derivação então será mandada para a forma fonológica (PF, phonological form) e a forma lógica (LF, logical form) (HARLEY, 2014). Na PF, encontraremos instruções de pronúncia para os nós terminais, as peças de vocabulário. Em contrapartida, após a LF, na Interface Conceitual, a enciclopédia será consultada para o fornecimento de informação não composicional acerca de determinados pedaços da estrutura em um dado contexto morfossintático (MARANTZ, 1996), principalmente a enciclopédia fornecerá os conteúdos das raízes.

Essa teoria ainda postula três propriedades, que são assumidas conjuntamente: *a inserção tardia*, *a subespecificação* e *a estrutura sintagmática hierarquizada por toda a derivação*.

2.3 Três principais características

As três principais características que representam a Morfologia Distribuída são a **estrutura sintagmática hierarquizada por toda a derivação**, a **inserção tardia** e a **subespecificação das peças de vocabulário**, na terminologia de Marantz (1997) e tradução dos termos de Silva e Medeiros ([2016]2020) ¹.

A primeira característica aponta que existe um desencontro entre a palavra fonológica e semântica e que, portanto, a ideia de palavra como um elemento atômico, composto da coincidência perfeita entre essas duas características, não existe. Além disso, Marantz (1997) revisa as nominalizações anteriormente estudadas no artigo de Chomsky (1975[1970])², *Remarks on Nominalization*, a fim de argumentar que as propriedades distribucionais das palavras derivadas naquelas nominalizações são consequência dos mesmos mecanismos sintáticos que organizam as sentenças, não de processos intrínsecos ao léxico. Daí, conclui-se a motivação para sintatizar a estrutura interna das palavras: postular que o léxico não é um sistema gerativo regido por regras diferentes das da sintaxe. Para a MD, o léxico constituirá apenas uma lista não gerativa de traços morfossintáticos.

A segunda característica sugere que a inserção de conteúdo fonológico só acontecerá uma vez que todas as operações sintáticas estiverem completas. Isto é, primeiro a sintaxe manipulará um conjunto de traços morfossintáticos desprovidos de som e, apenas após todas as operações sintáticas necessárias, os nós terminais da estrutura receberão conteúdo fonológico, o que nos leva à terceira característica.

A subespecificação de peças de vocabulário postula que as peças fonológicas, após as operações sintáticas, competirão pelos nós terminais da estrutura segundo o Princípio do Subconjunto (HALLE, 1997, apud HARLEY, 2014). Ou seja, na competição, a peça deve ser especificada por pelo menos um subconjunto dos traços presentes no nó por cuja inserção compete. Ganha a competição, a peça cujo subconjunto melhor corresponder aos traços do nó, ou melhor, aquele que for mais especificado ganha do menos especificado. Tomemos o exemplo de Silva e Medeiros (2020, p. 109) para as desinências número-pessoais do pretérito imperfeito no português:

É possível observar que a peça de vocabulário /a/ corresponde tanto à 1ª quanto à 3ª pessoa do singular. Logo, em vez de ser especificada com os traços de número e pessoa, é possível subespecificá-la apenas com o traço de número. A instrução para a inserção vocabular seria a seguinte.

1. /a/ \leftrightarrow singular
2. /as/ \leftrightarrow 2ª pessoa do singular

Vamos considerar um cenário em que há um nó caracterizado pelos traços [2ª pessoa] e [singular], no qual as peças estão competindo. Inicialmente, a peça (1) pode entrar na competição, pois possui o traço [singular] correspondente ao do nó em questão. No entanto, ao final da competição, a peça vencedora é a (2), pois esta possui um número maior de traços correspondentes ao nó do que a peça (1). Em outras palavras, (2) é mais especificada para o nó em questão do que (1).

2.4 O fenômeno das vozes

Shibatani (1988) aborda a importância dos fenômenos de voz, especialmente a relação entre voz ativa e voz passiva, no desenvolvimento da linguística moderna. A construção passiva é destacada como um fenômeno significativo nas línguas.

O texto também aborda o papel dos fenômenos de voz na tipologia linguística, mencionando as dificuldades enfrentadas ao reconhecer e distinguir diferentes formas de voz em línguas ergativas e filipinas. Além disso, destaca a necessidade de mais pesquisa básica nesse domínio e aponta as limitações de algumas abordagens formais na compreensão dos fenômenos de voz.

Problemas específicos em línguas maias e filipinas são discutidos, ilustrando a complexidade dos fenômenos de voz em diferentes línguas.

O texto propõe uma definição clara do conceito de voz, destacando sua natureza como um mecanismo que seleciona um constituinte sintático gramaticalmente proeminente, como o sujeito, a partir das funções semânticas subjacentes de uma cláusula. Ele esboça as oposições entre voz ativa, voz passiva e construções ergativas, bem como questões controversas em torno de línguas filipinas.

O volume apresenta uma variedade de estudos de fenômenos de voz sob diferentes perspectivas, como tipológica, histórica, genética, areal e baseada em discurso, contribuindo para uma compreensão mais profunda desses fenômenos fundamentais.

2.5 A voz passiva

Segundo Ishizuka (2017), o sistema da voz passiva em japonês vem sendo estudado por mais de 60 anos (Hoshi 1991, 1994; Inoue 1976; Kubo 1992; Kuno 1973; Kuroda 1965; N McCawley 1972; Miyagawa 1989; Shibatani 1972, dentre muitos outros); no entanto, ainda restam controvérsias sobre como podemos dividir as passivas na língua japonesa. Embora existam muitas pesquisas que abordem o tema da voz passiva, poucas pesquisas tentam explicar o sincretismo existente entre as formas passiva, modal e de tratamento.

2.6 Tipos de passivas

Mesmo que ainda existam muitos estudos sobre a voz passiva, ainda restam muitas opiniões controversas sobre quantos tipos de passiva existem em japonês (Shibatani 1990 e Hoshi 1999). A visão mais adotada pelos linguistas é que existem dois tipos de passiva que são realizadas pelo morfema *(r)are*, as diretas e as indiretas, que são subdividas em “passivas possessivas” e “passivas ininterruptas”.

2.6.1 Passivas Diretas

3. *Naomi ga Ken o nagut-ta.*

Naomi NOM Ken ACC bater-passado

Naomi bateu em Ken. (ativa)

4. *Ken ga Naomi ni nagur-are-ta*

Ken NOM Naomi DAT Bater-passiva-passado

Ken foi batido por Naomi. (passiva)

2.6.2 Passivas Indiretas (Possessivas)

5. *Ken ga sensei ni musuko o sika-are-ta*

Ken NOM professora DAT filho ACC repreender-passiva-passado

Lit. Ken foi repreendido o filho pelo professor. (cf. O filho de Ken foi repreendido)

2.6.3 Passivas Indiretas (Ininterruptas)

6. *Ken ga Naomi ni nige-rare-ta.*

Ken NOM Naomi DAT fugir-passiva-passado

Lit. Ken foi escapado por Naomi. (cf. Naomi fugiu de Ken)

7. *Naomi ga hahaoya ni sin-are-ta.*

Naomi NOM mãe DAT morrer-passiva-passado

Lit. Naomi foi morrida pela mãe (dela). (cf. A mãe de Naomi morreu)

8. *{Ken/ Kantoo tihoo} ga ame ni hur-are-ta.*

{Ken/A região de Kantoo} NOM chuva DAT chover-passiva-passado

{Ken/A região de Kantoo} foi chovida pela chuva.

9. *Ken ga Naomi ni nak-are-ta.*

Ken NOM Naomi DAT Chorar-passiva-passado

Lit. Ken foi chorado por Naomi. (cf. Naomi chorou em Ken)

Linguistas como Terada (1990), Kubo (1992), e Kinsui (1997) assumem que “passivas possessivas” constituem uma classe natural, tendo características de passivas diretas e indiretas – tendo um sujeito gramatical e um objeto direto expressos.

Enquanto isso, Ishizuka (2010) propõe uma nova análise do sistema de voz passiva no japonês, utilizando a teoria sintática do "Cartographic Minimalism". A análise desenvolvida é baseada em um modelo modular, onde a interação entre a morfologia passiva "-rare" e

princípios independentemente motivados da Gramática Universal (UG) resulta em diferentes clusters de propriedades observadas em diferentes tipos de frases passivas contendo "-rare". As entradas lexicais propostas para "-rare" incluem sua instanciação da Voz Passiva, sua mesclagem com a "voz ativa" (little v), seu traço EPP (Extended Projection Principle) que atrai uma estrutura verbal VP para sua posição de especificador, e a presença opcional de um Caso dativo e um Caso nulo.

O trabalho destaca que a elevação de um sintagma nominal (DP) é desencadeada pelo traço EPP de T, onde o DP mais próximo não marcado na estrutura do VP é atraído para a posição nominativa. Contrariando a análise padrão de passivas indiretas japonesas, o autor argumenta que os DPs na posição nominativa não são selecionados diretamente pelo morfema passivo "-rare". As conotações negativas associadas a algumas passivas indiretas são consideradas como uma implicatura e não como resultado direto do papel temático do DP nominativo¹.

Ishizuka ainda conclui que a abordagem de alçamento é teoricamente favorável, pois explica as diferentes propriedades observadas em diferentes tipos de passivas, mantendo uniformidade.

2.7 Tratamento ou *Keigo* (*Sonkeigo*)

Keigo literalmente quer dizer “língua respeitosa”. Existem diferentes formas de tratar as pessoas de acordo com essa ideia. O conceito básico de dentro¹ e fora² é um dos principais motivadores do uso dessa linguagem; essa questão se relaciona diretamente ao grupo ao qual esse falante pertence. Dessa forma, quando o falante pertencer ao grupo com o qual ele fala, algumas formas verbais vão ser ativadas enquanto outras excluídas, como na programação, como se fosse uma peneira de “*if*’s”. Caso o falante seja do grupo e esteja falando com alguém de fora, alguns paradigmas serão selecionados; caso ele pertença ao grupo e esteja falando com alguém de dentro, outros vão ser ativados, e assim por diante.

Para este trabalho, estamos interessados no que é chamado de *Sonkeigo*. Mais especificamente, em uma forma “artificial” que pode ser usada para flexionar os verbos para

¹A oração “*watashi wa ani ni jitensha o shuurisaremashita*” (passiva), que significa algo como “eu tive minha bicicleta consertada pelo meu irmão mais velho” em português, é uma oração que não é usada pelos falantes, que preferem algo como “*watashi wa ani ni jitensha o shuurishite moraimashita*” (ativa), que por sua vez seria algo como “eu pelo meu irmão consertou a bicicleta para mim”.

essa linguagem polida, cujo processo também podemos chamar de “*Keigo* facilitado”. Podemos chamá-lo dessa forma porque existem diferentes verbos que mudam completamente de paradigma quando falamos nessa linguagem, por exemplo:

10. Ir

- a. Iku (ir)
- b. Oideninaru (ir) (*keigo*)
- c. Irassharu (ir) (*keigo*)
- d. Okoshininaru (ir) (*keigo*)
- e. Ikareru (ir) (*kantan keigo*³)

Em (1e) temos o nosso objeto de estudo: o mesmo morfema (*r*)*are* que realiza, paralelamente à voz passiva, esse tipo de voz que vamos chamar, neste trabalho, de **voz honorífica ou tratamento**. Portanto, o mesmo paradigma de flexão, aqui, realiza a voz honorífica (com interpretação ativa) que sempre vai se referir a um ouvinte hierarquicamente superior ao falante.

11. *Tanaka-buchou wa shinbun yom-are-mashi-ta?*

Tanaka-Chefe de departamento TOP jornal ler-tratamento-polidez-passado?

O chefe de departamento Tanaka (você) leu o jornal?

2.8 Voz Potencial

Antes de falarmos dessa voz, é necessário revisitar os paradigmas de flexão dos verbos na língua japonesa. Segundo Mukai e Suzuki (2017), podemos dividir os verbos da língua japonesa em três grupos: Grupo 1 (*godandoushi*), Grupo 2 (*ichidandoushi*) e grupo dos verbos irregulares (*tokubetsudoushi*), que em japonês são representados por dois verbos, embora existam outros verbos que têm comportamento irregular em relação aos grupos a que deveriam pertencer (existem verbos que, como veremos logo em seguida, deveriam pertencer ao grupo 2, mas que se comportam como verbos do grupo 1).

- Grupo 1 (*godandoushi*): são todos os verbos terminados em *u*;

- Grupo 2 (*ichidandoushi*): são todos os verbos terminados em *iru* e *eru*, no entanto existem verbos que, mesmo terminados em *eru* e *iru*, são flexionados como se pertencessem ao grupo 1;
- Grupo 3/Verbos irregulares (*tokubetsudoushi*): são apenas dois verbos, *kuru* (vir) e *suru* (fazer).

Ou seja, quando encontramos um verbo da língua japonesa como *iku* (ir), não sendo ele um dos dois verbos especiais, nos resta perceber se ele é do grupo um ou dois; como esse não é terminado em *iru* ou *eru*, ele pertence, certamente, ao grupo um. Isso determina o comportamento dos verbos no encaixe das devidas flexões que representam modo, tempo e voz. Por exemplo: *iku*, por ser um verbo do grupo um, quando flexionamos para a forma negativa devemos inserir o morfema *nai* (morfema que marca a negação), então *iku* se transforma em *ika-nai*. A perda do *u* cria a necessidade da inserção desse tipo de vogal de ligação nos verbos do primeiro grupo, a vogal *a*, quando associamos a forma *nai* (negação). No entanto, quando tratamos de verbos do segundo grupo, graças ao paradigma de flexão, tal vogal de ligação não mais será necessária. No verbo *taberu* (comer), não precisamos adicionar nenhuma vogal de ligação para ocupar o núcleo da sílaba que ficaria sem núcleo: *Taberu* = *Tabenai*; como os verbos do grupo dois não perdem a vogal e sim uma sílaba inteira *ru*, o núcleo da sílaba não fica desocupado e, portanto, não precisamos de uma vogal de ligação. Já nos verbos do terceiro grupo, o paradigma verbal pode mudar quase por completo, inteiramente em alguns casos. Nesse trabalho, como só há a repetição do morfema (*r*)*are* nos verbos que pertencem ao segundo grupo, apenas vamos tratar deste grupo de verbos.

A voz potencial, basicamente, marca a possibilidade ou capacidade de executar determinada ação.

12. *Naomi wa nihon no sinbun o yomu.*

Naomi NOM jornal do Japão ACC ler.

Naomi lê o jornal do Japão.

13. *Naomi wa nihon no sinbun ga yome-ru (Godan Doushi)*

Naomi NOM jornal do Japão ACC le-inf.

Naomi pode ler o jornal do Japão.

14. *Naomi wa ebi ga tabe-rare-ru (Ichidan Doushi)*

Naomi NOM Camarão ACC comer-pot-inf

Naomi pode comer camarão.

Desse modo, um verbo do grupo 1 (em (13)) não possui o morfema que estamos estudando e, portanto, não causa sequer ambiguidade, enquanto os verbos grupo 2 (em (14)) vão ser nosso objeto de estudo, por serem flexionados com o mesmo morfema da passiva, -(r)are.

2.9 Estratégia *Ranuki*

Refere-se à expressão de verbos como "*mirareru*" (pode ser visto) ou "*korareru*" (pode vir) como "*mireru*" ou "*koreru*" na fala. Embora comum na linguagem falada e tenha aumentado desde a era Showa, ainda é considerado incorreto no japonês padrão. A utilização de "*ranukikotoba*" no japonês padrão deve ser cautelosa, considerando diferenças regionais e a distinção entre linguagem falada e escrita.

"*wakamonokotoba*" (Linguagem Jovem) refere-se à linguagem específica da geração mais jovem, com expressões frescas e favoráveis, mas também algumas consideradas indesejáveis. Embora aceitável entre amigos, é importante promover um ambiente linguístico adequado em situações formais ou com pessoas fora do círculo social imediato.

Variações em expressões e estilos idiomáticos incluem variações no significado e uso de provérbios, advérbios, formas verbais, entre outros. A avaliação dessas variações muitas vezes depende da sensibilidade individual, tornando a análise difícil em alguns casos.

Ainda que o uso de palavras estrangeiras, idiomas artificiais e abreviações exista em muitos contextos, os usos em contextos mais formais, especialmente em contextos oficiais, ainda não são aceitos. Na seção 3.3, esta estratégia vai ser importante para nossa proposta de análise na perspectiva da morfologia distribuída.

2.10 Uma Abordagem Unificada

No trabalho de Ishizuka (2010) foram estabelecidas as propriedades lexicais de "-rare". Embora o foco da tese seja nas utilizações passivas de "-rare", o programa de pesquisa assume

que as propriedades lexicais de "-rare" são invariantes em todas as construções com "-rare". Desse modo, a autora estende a análise das utilizações passivas de "-rare" para a construção de honra do sujeito.

Em frases de honra do sujeito, o morfema passivo "-rare" é utilizado para expressar o sentido de respeito do falante em relação ao referente do sujeito. Diferentemente do uso passivo de "-rare", as construções de honra do sujeito são incompatíveis com uma expressão dativa explícita. A autora destaca exemplos de construções de honra do sujeito e observa que o "-rare" de honra do sujeito pode se combinar com predicados que são incompatíveis com o "-rare" passivo. Em alguns casos, o "-rare" é ambíguo entre o uso passivo e de honra do sujeito.

Ishizuka critica análises anteriores que relacionam o "-rare" de honra do sujeito ao "-rare" passivo direto, argumentando que tais análises são insatisfatórias. Ela propõe uma abordagem unificada, que é o que vamos fazer nesse trabalho, onde o "-rare" de honra do sujeito é o mesmo "-rare" das construções passivas, tomando um complemento ativo vP e atraindo uma concha de VP para sua posição de especificador. A análise proposta explica a capacidade do "-rare" de honra do sujeito de combinar-se com uma gama mais ampla de predicados do que no contexto passivo.

Dessa forma, a análise unificada sugere que o "-rare" de honra do sujeito envolve uma camada de vP ativa silenciosa, introduzindo semanticamente o verbo "honrar". Essa abordagem busca explicar a origem da interpretação de honra e resolve a aparente incongruência entre as construções de honra do sujeito e as passivas. Algo como a proposta de Ishizuka (2010:64), [VoiceP [VP teacher fall]_i voice [[SPEAKER [VP teacher fall]_i HONOR] rare]].

2.11 A Distribuição de *-rare* em Resumo

Como define Ishizuka (2010): em várias línguas, o morfema passivo ocorre em diferentes construções, dando origem a leituras reflexivas, recíprocas, médias e abilitativas (por exemplo, o russo "sja", o românico "se/si": Haspelmath 2001, Shibatani 1985:902, Kazenin 2001). Isso também ocorre com o japonês "-rare": além dos passivos, o "-rare" ocorre em (i) médios (ou tradicionalmente conhecidos como 'espontâneos'), (ii) passivos lexicais /intransitivadores (em trabalhos recentes, compreendidos como um passivo de 'primeira fase' ou 'baixo'; por exemplo, Harley 2005, Ramchand 2008), (iii) habilidades (ou potenciais) e (iv)

honoríficos de sujeito. Muitos desses usos são compartilhados com o românico "si/se", mas o uso honorífico de sujeito é bastante único.

15. a) Média (Espontânea)

Mukashi-no koto-ga shinob-are-ru

antigo-NO coisas-NOM lembrar-rare-PRES

Coisas que aconteceram há muito tempo vêm em minha mente. (Shibatani 1985:823)

b) Baixa/Passiva Lexical (ou intrasitivizadoras)

Ken-no fuku-ga yog-ore-ta

Ken-no roupas-NOM sujar-RARE-PAST

As roupas do Ken se sujaram. (Ishizuka 2010:35)

c)Potencial

i) *Kodomo-ga yoru ne-rare-nai.*

Criança-NOM noite dormir-RARE-NEG

(Minha) criança(filho) não consegue dormir de noite. (Ishizuka 2010:35) [Agentiva]

ii) *(Watashi-ni-wa) kono fuku-ga moo ki-rare-nai.*

Eu-DAT-TOP essa roupa-NOM já vestir-RARE-NEG.

Essa roupa não pode mais ser vestida (por mim). [Não agentiva]

d) Sujeito Honorífico

Matsuda-sensei-ga waraw-are-ta.

Matsuda-prof-NOM-rir-RARE-PAST

Professor Matsuda (honrosamente) riu. (Ishizuka 2010:36)

A característica compartilhada é que os sintagmas nominais em nominativo nas construções com "-rare" em (16) são todos expressos como o argumento interno marcado com caso acusativo em (c). Em outras palavras, os contextos em que "-rare" aparece todos se assemelham ao protótipo de voz passiva. Surge a dúvida se todas as construções com "-rare" envolvem um morfema idêntico "-rare" ou não. À primeira vista, uma abordagem unificada de "-rare" parece ser viável para (15-a), (15-b) e (15-c-ii), mas mais complexa para (15-d) e (15-

c-i), onde o argumento externo - e não o interno - do predicado incorporado sob "-rare" aparece como sujeito superficial da sentença. Esses dois últimos morfemas "-rare" são distintos dos demais? Dada a argumentação desta tese, proponho uma explicação coesa para todas as construções com "-rare", de modo que as aparentes diferenças derivem da interação entre as propriedades de "-rare" e de outros elementos que compõem as construções.

Como apontado na dissertação de Ishizuka (2010:38):

A evidência histórica também respalda de maneira robusta uma abordagem unificada de "-rare". Shibatani (1985) relata que os diferentes usos de "*-(r)are-*" têm uma origem comum. De acordo com Oshima (2006: 150), os usos passivo e espontâneo de "*-(r)are-*" (e seus predecessores "*-(ra)r/-(ra)y-*") são considerados os mais antigos entre os quatro usos; portanto, concentro-me na construção passiva para identificar as propriedades essenciais de "-rare". A ambiguidade entre os usos passivo e espontâneo está presente em registros datados do século VIII, e não há consenso sobre qual uso é anterior (Kiginuki 1991, Hashimoto 1969, citados em Oshima 2006). O uso potencial de "*-(ra)y/-(ra)r-*" surgiu antes do século IX e estava restrito a contextos negativos até o final do período Heian (794-1192 d.C.). O uso honorífico emergiu no período Heian (Oshima 2006: originalmente em Karashima 1993).

A polissemia interlinguística, aliada à evidência histórica, fortemente respalda a necessidade de uma abordagem unificada para morfemas como "-rare". Apesar de algumas diferenças superficiais entre construções, fica evidente que nenhuma das ocorrências de "-rare" deve introduzir um argumento extra na estrutura. Portanto, prosseguimos com a hipótese de que "-rare" nunca introduz um argumento (em oposição à crença comum na literatura de que introduz um argumento opcional).

3 ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA

Até aqui podemos entender as sentenças passivas, potenciais e de tratamento (Honoríficas). A partir daqui vamos, de fato, a uma forma de analisar esse morfema nessas construções a partir de uma abordagem. Assim como Ishizuka, vamos começar pela análise da passiva até o tratamento.

3.1 Uma teoria uniforme ou não uniforme da passiva

Desde os anos 1960, há duas teorias concorrentes sobre passivas diretas e indiretas: a "teoria uniforme" que as deriva de uma estrutura de complementação comum, e a "teoria não uniforme" que postula estruturas distintas para cada uma. Ambas concordam na estrutura das passivas indiretas, onde o passivo *-(r)are* é um predicado de dois lugares com um sujeito semelhante a um experienciador e um complemento clausal expressando uma "eventualidade". As passivas indiretas, sem contraparte ativa, frequentemente carregam conotações adversativas ou afetadas, onde o referente do sujeito é prejudicado pelo evento na sentença. A estrutura para as passivas indiretas é amplamente aceita, enquanto as passivas diretas têm teorias divergentes.

16. Passiva Direta

a. *Naomi ga Ken o nagut-ta.*

Naomi NOM Ken ACC bateu-PST

‘Naomi bateu em Ken.’ (Ativa)

b. *Ken ga Naomi ni nagur-are-ta.*

Ken NOM Naomi DAT bater-PASS-PST

‘Ken foi batido por Naomi.’ (Passiva)

17. Passiva Indireta (Possessiva)

Ken ga sensei ni musuko o sikar-are-ta.

Ken NOM professor DAT filho ACC repreender-PASS-PST

lit. ‘Ken foi repreendido pelo professor de seu filho.’ (cf. O filho de Ken foi repreendido.)

(18) Passiva Indireta (Ininterrupta)

a. *Ken ga Naomi ni nige-rare-ta.*

Ken NOM Naomi DAT escapar-PASS-PST

lit. ‘Ken foi escapado por Naomi.’ (cf. Naomi escapou [de Ken].)

b. *Naomi ga hahaoya ni sin-are-ta.*

Naomi NOM mãe DAT morrer-PASS-PST

lit. 'Naomi foi morta por sua mãe.' (cf. A mãe de Naomi morreu.)

c. *{Ken / Região de Kanto} ga ame ni hur-are-ta.*

{Ken / Região de Kanto} NOM chuva DAT descer-PASS-PST

'{Ken / Região de Kanto} foi atingido pela chuva.'

d. *Ken ga Naomi ni nak-are-ta.*

Ken NOM Naomi DAT chorar-PASS-PST

lit. 'Ken foi chorado por Naomi.' (cf. Naomi chorou [por Ken].)

A estrutura das passivas indiretas apresenta um desafio em relação às passivas diretas, pois ambas compartilham o morfema *-(r)are*, mas exibem propriedades distintas. A "teoria uniforme" sugere que o morfema *-(r)are* em passivas diretas é o mesmo que o das passivas indiretas, selecionando um argumento "affectee" e um complemento clausal. Em contraste, a "teoria não uniforme" afirma que as passivas diretas derivam de uma estrutura subjacente transitiva, com o morfema *-(r)are* movendo o objeto lógico para a posição de sujeito. Variantes recentes, chamadas de "teorias híbridas", propõem uma combinação de relação de controle e movimento semelhante ao *tough-movement*.

No que diz respeito às "passivas possessivas", podem ser derivadas de diversas maneiras, como movendo um possuidor para a posição de sujeito ou permitindo que *-(r)are* selecione um argumento "affectee" como sujeito. A questão é se essas passivas possessivas devem ser consideradas como um subconjunto das passivas indiretas, como proposto pela "teoria uniforme". Existe uma preocupação tipológica, pois línguas como coreano e chinês têm passivas possessivas e diretas, mas não possuem passivas indiretas do tipo discutido. Isso sugere que a distinção deve ser feita dentro das passivas indiretas, entre possessivas e ininterruptas. A "teoria não uniforme" propõe que as passivas diretas derivam de uma estrutura transitiva subjacente, mas isso levanta a questão de ambas serem representadas pelo morfema *-(r)are*. A "teoria uniforme" é preferível tanto teoricamente quanto na perspectiva de aquisição, assumindo apenas um morfema passivo *-(r)are* no japonês. No entanto, a questão de como resolver essa dicotomia persiste.

O foco é a natureza polissêmica de *-(r)are*, um morfema passivo sintético encontrado em várias línguas, com diferentes interpretações, como reflexivos, recíprocos, médios e potenciais. No caso do japonês, *-(r)are* também é usado em contextos além das passivas, como em formas espontâneas, potenciais e honoríficas para o sujeito. A proposta de uma "análise de alçamento unificada" por Ishizuka (2010a, 2012) visa a resolver esse dilema, mas a questão central é identificar um gap correspondente ao sujeito gramatical em passivas indiretas, especialmente as ininterruptas.

3.2 O que a literatura apresenta

O trabalho de Ishizuka destaca as propriedades das passivas que são cruciais para as questões de se as passivas indiretas constituem uma classe natural e se a derivação das passivas envolve ou não movimento, conforme mencionado no texto acima.

3.2.1 Disponibilidade de equivalentes na voz ativa

O trabalho de Ishizuka explora a possibilidade de reinterpretar alguns passivos indiretos, especialmente aqueles que não exigem um contexto de suporte, como tendo um equivalente na voz ativa. Ela propõe que os sujeitos gramaticais em passivos indiretos em japonês têm origens em argumentos como "fonte", "genitivo", "direcional em/on" e "causa" do verbo principal. Isso desafia a ideia anterior de que todos os passivos indiretos carecem de tal correspondência ativa. Ishizuka ainda destaca exemplos específicos, como passivos com verbos intransitivos, e sugere que certos tipos de passivos indiretos podem ser reexaminados à luz de uma análise que permite equivalentes ativos.

Ao contrário, línguas como o inglês permitem "pseudo-passivas"² (ou passivas prepositivas). Nas pseudo-passivas, não há um expletivo lá explícito ou implícito, mas o objeto de uma locução prepositiva ocupa a posição de sujeito, deixando a preposição isolada (Chomsky 1975; Davison 1980; Homstein and Weinberg 1981; Bresnan 1982; Postal 1986, 2004; van Riemsdijk and Williams 1986; Baltin and Postal 1996, entre outros), como diz Ishizuka (2017:410).

² Como em, "*the bed was slept on*".

No que diz respeito às passivas, é amplamente assumido que o japonês permite que o alvo seja o sujeito gramatical, apesar do desaparecimento da marcação original de dativo, como mostrado em (19) (por exemplo, Inoue 1976; Shibatani 1978; Kubo 1992).

19. [Taroo *#i*] *ga* Jiroo *ni* Hanako *o* *shoukais-are-ta*.
(Taro DAT NOM Jiro DAT Hanako ACC introduzir-PASS-PST)
Significado literal: A Taro foi apresentado Hanako por Jiro.

Do ponto de vista universal, é totalmente concebível que uma língua permita que um objeto não direto seja o sujeito gramatical na voz passiva. Estendendo essa análise de pseudo-passiva às passivas indiretas em (18), Ishizuka (2010a, 2012) as analisa como passivas com um NP oblíquo ou genitivo subjacente ocupando a posição de sujeito. Especificamente, ela propõe que os sujeitos gramaticais nas passivas em (18) são originalmente licenciados como argumentos de "origem", "genitivo", "direcional" e "causa" do verbo principal, respectivamente. Os equivalentes ativos propostos são fornecidos abaixo:

20. a. *Naomi ga Ken kara nige-ta*. (Fonte/Origem)
Naomi NOM Ken ABL escapar-PST
'Naomi escapou de Ken.'
- b. *Naomi no hahaoya ga shin-da*. (Genitivo)
Naomi GEN mãe NOM morrer-PST
'A mãe de Naomi morreu.'
- c. *Ame ga {Kantoo tihoo / *?Ken} ni hut-ta*. (Direcional)
Chuva NOM {Região de Kanto / Ken} DAT cair-PST
'Chuva caiu na região de Kanto.'
- d. *Naomi ga Ken *?(no uragiri) ni nai-ta*. (Causa)
Naomi NOM Ken GEN traição DAT chorar-PST
'Naomi chorou pela traição de Ken.'

Embora não seja comumente assumida, a proposta de Ishizuka de que (18a) envolve o movimento da "origem" ("o DP Ken "kara" em (20a), versão ativa da (18a) e (21a)) para a

posição de sujeito não é surpreendente se considerarmos o comportamento de (19). A origem é basicamente o contraponto do objetivo, diferindo minimamente na direcionalidade. Agora, considere (21a) e (21b), sem pressupor nenhum contexto de suporte.

21. a. *Ken ga Naomi ni nige-rare-ta.*

Ken NOM Naomi DAT escape-PASS-PST

'Ken foi escapado por Naomi.'

b. *?*Ken ga Naomi ni Taroo kara nige-rare-ta.*

Ken NOM Naomi DAT Taro ABL escape-PASS-PST

'Ken foi afetado pela fuga de Naomi de Taro.'

(21a) é aceitável, enquanto (21b) não o é, pelo menos sem um contexto de suporte que induza uma relação possessiva entre Ken e Naomi. Isso é inesperado, já que (20a) mostra que o verbo 'nige-ru' é compatível com um sintagma com papel temático de origem. No entanto, isso é exatamente o que esperamos se Ken em (20a) for originalmente licenciado como a origem de 'nige-ru'. Se todos concordarmos que (20a) é um equivalente ativo de (18a), isso será uma forte motivação para analisar outras instâncias de passivas indiretas como tendo um equivalente ativo. Isso porque ter o mesmo *-(r)are* em todas as passivas indiretas (ou pelo menos sem gap) é teoricamente preferível.

Lembre-se de que os linguistas que consideram as passivas possessivas, como no exemplo (17), como uma classe natural, pressupõem que o possuidor do objeto direto (ou seja, o tema) tem o direito de se deslocar para a posição de sujeito por meio de uma operação conhecida como alçamento do possuidor (Shibatani 1990, Kubo 1992, entre muitos outros). Assim, a proposta de Ishizuka de que (18b) contém uma lacuna de possuidor na frase é uma extensão direta dessa ideia.

Em (18b), Naomi é originalmente licenciada como uma frase genitiva do argumento interno *hahaoya* 'mãe' - o 'tema' do verbo *shin-u* - e se move para a posição de sujeito na passiva. Na verdade, uma relação de parentesco (ou algum tipo de genitivo) entre o sujeito e o NP dativo é obrigatória para que esse tipo de passiva seja gramatical. A manipulação da relação entre os dois NPs pode esclarecer esse requisito.

A proposta de Ishizuka sobre as passivas em (18b) sugere que Naomi é originalmente licenciada como uma expressão genitiva do argumento interno "*hahaoya*" ('mãe'), que é o 'tema'

do verbo "*shin-u*" ('morrer'). Nessa construção, Naomi move-se para a posição de sujeito na passiva. Esse tipo de passiva exige uma relação genitiva entre o sujeito e o NP dativo para ser gramatical. No entanto, é crucial notar que nem todas as passivas em japonês são analisadas como passivas possessivas, pois certas restrições se aplicam, como a impossibilidade de elevação do possuidor a partir de argumentos externos.

Essa discussão é importante para revelar que algumas passivas indiretas, especialmente aquelas que não dependem de contexto de apoio, podem ser reinterpretadas como tendo um equivalente ativo. Se os argumentos "fonte/origem", "genitivo", "direcional" e "causa" são de fato as fontes internas dos sujeitos gramaticais nas passivas indiretas em (18), como sugerido por Ishizuka (2012), então uma propriedade definidora crítica das passivas indiretas - a ausência de equivalentes ativos - não é mais válida.

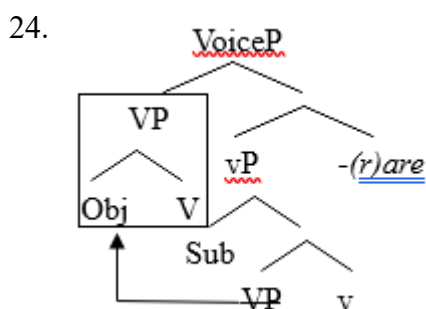
Para esse trabalho, essa discussão já é suficiente, no entanto, o estudo da voz passiva vai muito além desses aspectos.

3.2.2 A proposta de Ishizuka para análise passiva

Supondo que *-(r)are* nunca introduza um argumento, Ishizuka (2010a, 2012: 28) propõe as seguintes propriedades de *-(r)are*:

22. *-(r)are* seleciona uma vP ativa como seu complemento, e assim nunca pode ocorrer com um VP médio, um inacusativo não agentivo ou um VP passivado (por exemplo, *ware-ru* 'quebrar', *nuge-ru* 'despir-se').

23. *-(r)are* possui um traço de borda (EPP) que atrai uma camada de VP para seu especificador (cf. a análise de "smuggling" de Collins (2005) para passivas em inglês).



25. a. **Taroo wa zubon ni nuge-rare-ta.*
 Taro TOP calças DAT despir-PASS-PST
 int. ‘Aconteceu a Taro que suas calças caíram.’
- b. **Watasi wa musuko ga (dareka ni) nagur-are-rare-ta.*
 I TOP filho NOM alguém DAT bater-PASS-PASS-PST
 int. ‘Eu fui afetado pelo fato de que meu filho foi espancado (por alguém).’
 (Washio1989)

Conforme ilustrado em (26), construções como *nuge-rare* e *nagur-are-rare* são proibidas no japonês, resultando na incorreção gramatical de (26a) e (26b). Essa inadequação decorre diretamente da propriedade de *-(r)are* de selecionar um vP ativo como seu complemento, tornando-o incompatível com formas de VP médias, inacusativas não agentivas ou passivizadas.

Por outro lado, como observado em (19), *-(r)are* pode combinar-se com outras inacusativas, como *sin-u* 'morrer' ou *nige-ru* 'escapar'. Ishizuka (2010a, 2012) sugere que isso ocorre devido à introdução opcional de uma camada "vP ativa" por inacusativas como *sin-u* e *nige-ru*, permitindo sua coocorrência com *-(r)are*.

Crucialmente, em consonância com a abordagem de Collins (2005) para passivas em inglês, Ishizuka (2010a, 2012) postula que *-(r)are* não absorve um argumento externo ou caso acusativo. O NP marcado com 'o' permanece inalterado em passivas que apresentam uma lacuna "alvo" ou "destinatário" dativa, como evidenciado em construções como (20) e (27) (Inoue 1976; Shibatani 1978: 141; Kubo 1992, entre outros).

26. *Naomi ga Ken ni Naomi-ni tomodati o syookais-are-ta.*
 Naomi NOM Ken DAT Naomi-DAT friend ACC introduce-PASS-PST
 lit. ‘À Naomi foi apresentado o amigo pelo Ken.’

Conforme amplamente conhecido, o japonês restringe a presença de apenas um caso acusativo em uma oração, um fenômeno conhecido como a Restrição Dupla de "o" de Harada (1973). O fato de (49) conter um sintagma nominal marcado por "o" indica que *-(r)are* não absorve o caso acusativo. Segundo a proposta de Ishizuka (2010a, 2012), o caso acusativo "o" é abandonado quando o objeto direto subjacente se desloca para a posição de sujeito, sendo que o "o" abandonado é incapaz de persistir sem um hospedeiro fonológico. Além disso, o sujeito

lógico do verbo principal recebe o caso dativo de *-(r)are*, manifestando-se como uma locução prepositiva de dativo (consulte Ishizuka 2010a, 2012: 74 para detalhes sobre esse processo).

No entanto, essa abordagem é apenas sintática, e não resolve a questão de o mesmo morfema fazer todas as vozes, embora a própria Ishizuka esteja propondo uma análise unificada do morfema. Nossa análise vai tentar fazer uma proposta que explique a realização das três vozes com o mesmo morfema, assumindo o desenho sintático geral da proposta de Ishizuka (2010).

3.3 Nossa análise

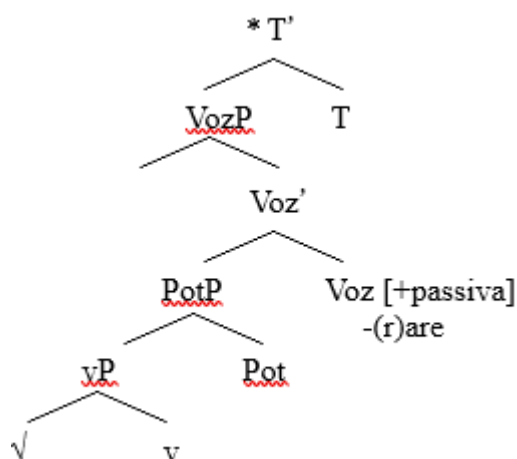
Esta análise morfológica aborda a estrutura dos verbos japoneses, destacando a relação entre a raiz verbal, o morfema potencial e o morfema de voz, além do tempo/aspecto.

Os verbos do primeiro grupo transformam-se em verbos do segundo grupo ao adicionar o morfema potencial à raiz. Os verbos do segundo grupo adquirem leitura potencial apenas com a inclusão do morfema de voz passiva *(r)are*, mas isso gera ambiguidade na interpretação.

Segundo alguns falantes nativos, é comum distinguir as formas da voz passiva *(r)are* das formas do potencial *-re* (ou *-e*), sendo esta última derivada da primeira de maneira morfofonológica (com o apagamento da primeira sílaba). Entretanto, não há combinação de passiva com potencial nos verbos, conforme indicado pelo esquema (28) apresentado.

A análise morfológica posterior explora possíveis configurações morfológicas, discutindo fusões de raiz verbal e morfema potencial, e sugere que o morfema potencial pode funcionar como um verbalizador, dando origem a leituras eventivas e potenciais simultaneamente.

27.

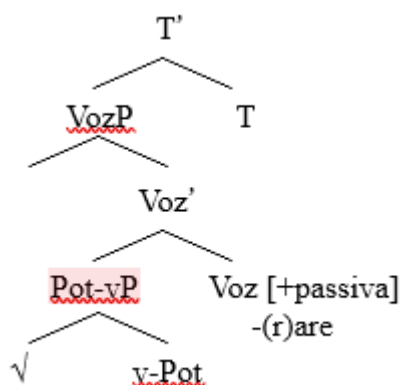


Algumas possibilidades, adotando os pressupostos da Morfologia Distribuída:

(a) Algum tipo de fusão do verbalizador com o morfema Pot.

(b) O morfema Pot poderia ser o próprio verbalizador que introduz o *-e* – dada uma raiz de qualquer dos grupos 1 e 2, quando ela se combina diretamente com Pot temos uma leitura eventiva e potencial ao mesmo tempo. Assim:

28.



Dessa forma, as raízes seriam transformadas em verbos, seja por meio de um *v* simples ou por um *v* com leitura potencial, denominado Pot-*v*. Portanto, quando uma raiz verbal do primeiro grupo é transformada por um Pot-*v*, ela transita para o segundo grupo. Por outro lado, quando uma raiz do segundo grupo é transformada por um Pot-*v*, ela permanece no segundo grupo. Os exemplos da seção 2.8 estão repetidos abaixo para comodidade do leitor.

12. *Naomi wa nihon no sinbun o yomu.*
 Naomi NOM jornal do Japão ACC ler.
 Naomi lê o jornal do Japão.

13. *Naomi wa nihon no sinbun ga yome-ru (Godan Doushi)*
 Naomi NOM jornal do Japão ACC le-inf.
 Naomi pode ler o jornal do Japão.

14. *Naomi wa ebi ga tabe-rare-ru (Ichidan Doushi)*
 Naomi NOM Camarão ACC comer-pot-inf
 Naomi pode comer camarão.

Cada sintagma verbal possui um núcleo Voz como parte integrante de sua estrutura. No caso das construções potenciais, no grupo 1, o morfema de Voz não precisa ser passivo quando a leitura é potencial. Portanto, a transição para um verbo potencial não implica automaticamente a presença do morfema de voz passiva. No entanto, para o grupo 2, parece que a leitura potencial ocorre somente quando o morfema de passiva está presente.

Considerando o conhecimento da língua, duas possibilidades são imagináveis:

(a) No japonês, supõe-se que o morfema $-\emptyset$ seja inserido apenas no núcleo de Voz com traço ativo, enquanto o morfema $-(r)are-$ é o padrão para o núcleo de Voz, independentemente do valor do seu traço.

29. a. $[-passiva] \leftrightarrow -\emptyset$

b. $[] \leftrightarrow /are/$

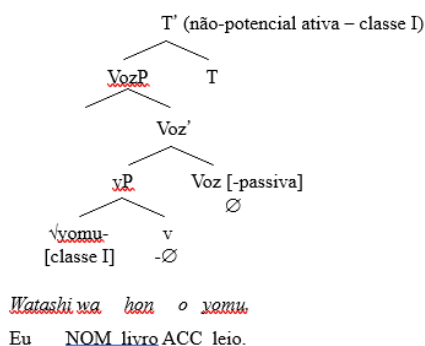
A regra (31), conhecida como regra de empobrecimento, apaga o traço contido no núcleo de Voz, quando a raiz do verbo é de classe II (segundo grupo), durante a derivação até a componente morfológica. Isso faz com que o núcleo de Voz receba o item de vocabulário menos especificado, $/are/$, independentemente de a frase estar na voz passiva ou ativa.

30. $[-passiva] \rightarrow -\emptyset / [Classe II] \underline{\hspace{2cm}}$

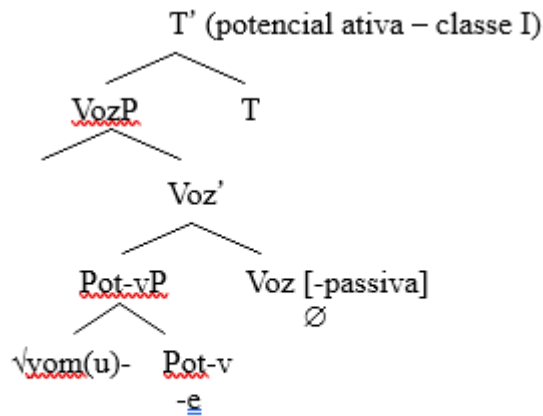
Essa abordagem implica que, mesmo com morfologia de voz passiva, a construção pode ter leitura ativa e potencial quando o verbo pertence ao grupo 2. Como isso se reflete em árvores sintáticas?

Isso significa que, mesmo com a morfologia de passiva, a construção pode ter leitura ativa e potencial quando o verbo é do grupo 2. Como fica o quadro geral em árvores?

31. a.

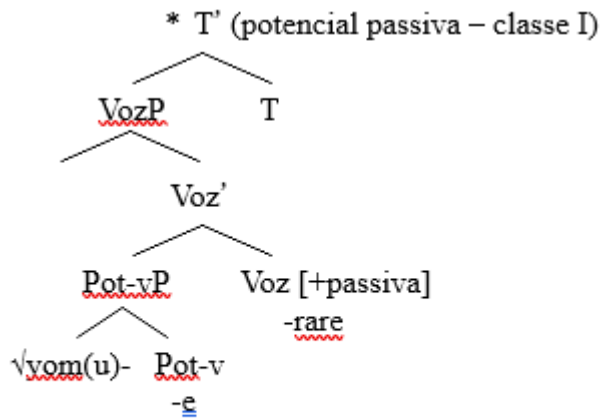


b.



Yuriko wa hon o yomeru
Yuriko NOM livro ACC pode ler

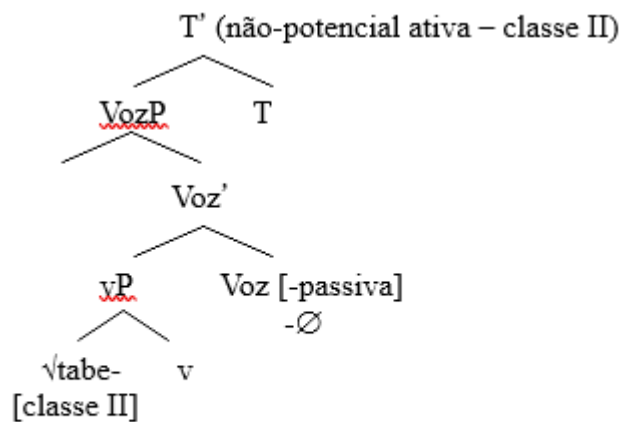
c.



* Hon ga Yuriko ni yomerareru.
 Livro NOM Yuriko DAT pode ser lido.

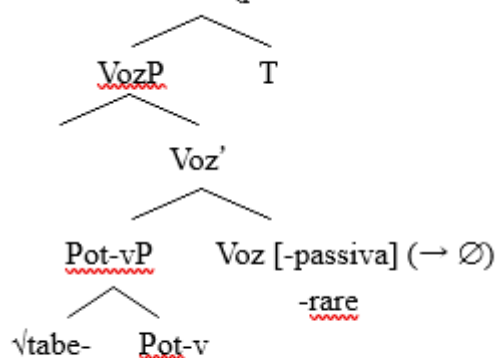
Quando o verbo é do grupo 2:

32. a.



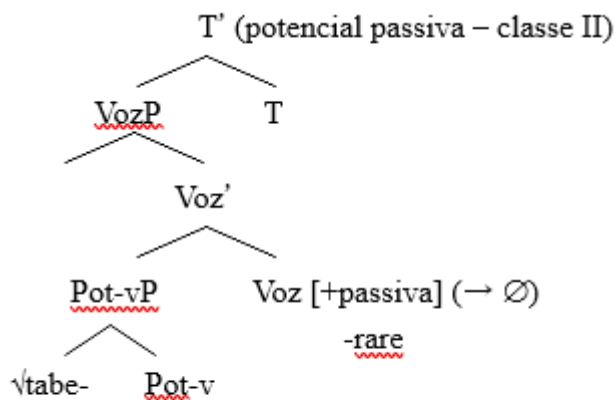
Watashi wa ringo o taberu.
Eu NOM/TOP maçã ACC como.

b. T' (potencial ativa – classe II)



Watashi wa ringo o taberareru.
 Eu NOM/TOP maçã ACC posso comer.

c.



Ringo ga watashi ni taberareru.
 Maçã NOM eu DAT é comida.

Seguindo a proposta acima, explicamos por que, nos verbos do segundo grupo, temos a mesma forma tanto para potencial (ativa ou passiva) como para a voz passiva não potencial. Também explica por que não podemos ter dois morfemas, um de potencial e um de passiva, nos verbos do segundo grupo.

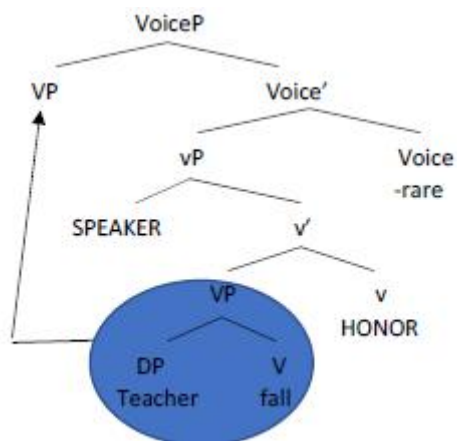
Se alguns falantes estão fazendo uso da estratégia *ranuki* para diferenciar a voz passiva da forma potencial, podemos imaginar que para esses temos uma regra bem mais específica para os verbos do segundo grupo, além das que encontramos em (29) acima. A lista seria:

- 33. a. [-passiva] ↔ /re// [classe II] + Pot-v
- b. [-passiva] ↔ ∅
- c. [] ↔ /are/

Isso faz com que os verbos da classe II tenham a mesma realização para potencial e passiva, mas elas não teriam interpretações combinadas em qualquer das classes verbais. Ainda restou,

para uma pesquisa futura, um modelo representacional para o tratamento. No entanto, Ishizuka (2010) tem uma proposta que dá luz a um caminho:

34.



A semântica do núcleo verbalizador é atribuída à expressão "HONOR", indicando que o sujeito que honra é o falante, enquanto o objeto de honra é o professor. A estrutura da frase reflete a natureza de língua de núcleo à direita do japonês, com os elementos posicionados abaixo dos níveis intermediários e uma ordem inversa em relação ao português. Conforme a proposta, o especificador de VoiceP pode ser preenchido pelo VP mais encaixado, movendo-se para atender ao Princípio da Projeção Estendido (EPP) por meio do traço EPP.

Para incluir a realização de -(r)are- também na voz de tratamento, poderíamos mudar sutilmente a regra de inserção (30a), inserindo um contexto. Isso é feito em (36) abaixo:

35. [-passiva] /v[-HONOR]_____ ↔ -∅

Aqui, o zero fonológico realiza o núcleo de Voz com o traço [-passiva] se este c-comandar imediatamente o vP encabeçado por um núcleo v com marcação negativa para o traço [HONOR]. Isso daria conta de todos os casos, mas a voz de tratamento requer mais estudo.

Por fim, vale dizer que a configuração em (34), assim como toda a proposta de Ishizuka (2010) para as vozes no japonês, sugere a existência de uma operação morfofonológica, ao longo do caminho para a Forma Fonética (PF), que combina o morfema de voz passiva "-rare" com o verbo na posição do especificador de Voice. Essa operação parece se basear exclusivamente na adjacência linear, ignorando a estrutura sintática em favor de uma abordagem morfofonológica direta.

Ressalta-se que a análise proposta implica a necessidade de considerar a complexidade das relações semânticas e sintáticas no japonês, bem como a aplicação de operações específicas para a formação da estrutura fonética da sentença.

4 CONCLUSÃO

4.1 Resumo das Descobertas

O presente trabalho dedicou-se à análise aprofundada dos usos do morfema *(r)are*, centrando-se, em particular, na voz passiva, no tratamento e no potencial. Buscou-se postular modelos representacionais abrangentes para esse fenômeno, utilizando a proposta de Ishizuka como alicerce para uma análise unificada do problema.

4.2 Contribuições para o Campo

Este estudo trouxe uma nova perspectiva à discussão sobre a representação da voz passiva na língua japonesa, abordagem que tem sido um desafio persistente para a linguística gerativa. Ao propor modelos representacionais inovadores, pretendeu-se não apenas trazer mais informações sobre o tema além de propor uma análise mais abrangente e coerente do fenômeno.

4.3 Perspectivas Futuras

Embora as descobertas deste trabalho tenham proporcionado uma compreensão mais profunda, é crucial reconhecer que há ainda um caminho extenso a percorrer. A pesquisa postulou hipóteses valiosas que merecem ser confirmadas através de uma expansão e teste mais abrangentes em projetos futuros. Novos experimentos e análises são necessários para validar e aprimorar os modelos propostos.

4.4 Contribuição para a Linguística na UFRJ e no Brasil

Além de trazer um frescor à discussão sobre a linguística da língua japonesa, este estudo pode contribuir para a comunidade acadêmica não apenas na UFRJ, mas também em todo o Brasil, adotando uma perspectiva única da morfologia distribuída. Esta abordagem inovadora não apenas enriquece os estudos linguísticos locais, mas também promove uma compreensão mais ampla e integrativa das questões linguísticas relacionadas.

4.5 Considerações Finais

Em síntese, este trabalho lançou luz sobre um aspecto desafiador da linguística japonesa, oferecendo modelos representacionais inovadores e promovendo uma discussão mais atualizada. Contudo, é imperativo reconhecer a necessidade de testes adicionais e abordagens complementares em futuras pesquisas. A contribuição deste estudo estende-se não apenas ao conhecimento acadêmico local, mas também à contínua evolução da pesquisa linguística global.

Referências

- _____. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 201–225, 1997.
- BALTIN, Mark; POSTAL, Paul M. More on reanalysis hypotheses. In: *Linguistic Inquiry*, v. 27, n. 1, p. 127-145, 1996.
- BRESNAN, Joan. The passive in lexical theory. In: BRESNAN, Joan (ed.). *The mental representation of grammatical relations*, p. 3-86. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.
- CHOMSKY, Noam. *The logical structure of linguistic theory*. New York: Plenum Press, 1975.
- COLLINS, Chris. A smuggling approach to the passive in English. In: *Syntax*, v. 8, p. 81-120, 2005.
- DAVISON, Alice. Peculiar passives. In: *Language*, v. 56, n. 1, p. 42-66, 1980.
- GUIMARÃES, M. *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Massachusetts: MIT Press, 1993. p. 111–176.
- HARADA, Shin-ichi. Counter equi-NP deletion. In: *Annual Bulletin 7 of the Research Institute of Logopedics and Phoniatics*, p. 113-147. Tokyo: University of Tokyo, 1973.
- HARLEY, H. On the causative construction. Manuscript, University of Arizona, 2005.
- HASPELMATH, M. *Language Typology and Language Universals: An International Handbook*. Walter de Gruyter, 2001.
- HORNSTEIN, Norbert; WEINBERG, Amy. Case theory and preposition stranding. In: *Linguistic Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 55-91, 1981.
- HOSHI, Hiroto. Passives. In: TSUJIMURA, Natsuko (Ed.). *The handbook of Japanese linguistics*. Malden, MA: Blackwell, 1999. p. 191-235.
- INOUE, Kazuko. *Henkei-bunpō to Nihongo [Transformational grammar and Japanese]*. Tokyo: Taishukan, 1976.
- ISHIZUKA, Tomoko. The passive in Japanese: A cartographic minimalist approach. (*Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 192). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2012.

ISHIZUKA, Tomoko. 2010a. Toward a unified analysis of the passive in Japanese: A cartographic minimalist approach. Los Angeles: University of California, Los Angeles dissertation.

ISHIZUKA, Tomoko. 2011. The genitive passive in Japanese: what does a modular approach tell us? Proceedings of the 7th Workshop on Altaic Formal Linguistics, 107-22.

ISHIZUKA, TOMOKO. The passive voice. In: SHIBATANI, M.; KAGEYAMA, T.; NODA, H. (Eds.). Handbook of Japanese Syntax. Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. p. 403–446.

KAZENIN, K. The passive voice. In: Language Typology and Language Universals: An International Handbook, vol. 2, p. 899–916, 2001.

KINSUI, Satoshi. The influence of translation on the historical development of the Japanese passive construction. In: Journal of Pragmatics, v. 28, n. 6, p. 759-779, 1997.

KUBO, Miori. Japanese passives. In: Working Papers of the Department of Language and Culture, v. 23, p. 231-302. Hokkaido: University of Hokkaido, 1992.

MASAYOSHI SHIBATANI; KAGEYAMAT.; KOKURITSU KOKUGO KENKYŪSHO. Handbooks of Japanese language and linguistics. [s.l.] Berlin; Boston; Munich De Gruyter Mouton, 2015.

MEDEIROS, A. B. DE. Considerações sobre a estrutura argumental dos verbos. In: O Apelo das Árvores: Estudos em Homenagem a Miriam Lemle. 1. ed. [s.l.] Pontes Editores, 2018. p. 231–298.

MUKAI, Y.; JAPANESE, I. Gramática da língua japonesa para falantes do português. Campinas, Sp: Pontes, 2017.

OSHIMA, D. Y. Adversity and Korean/Japanese Passives: Constructional Analogy. In: Journal of East Asian Linguistics, v. 15, n. 2, p. 137–166, 2006.

RAMCHAND, G. Verb meaning and the lexicon: a first-phase syntax. Cambridge University Press, 2008.

SHIBATANI, M. (Ed.). (1988). *Passive and voice* (Typological Studies in Language, issn 0167-7373; v. 16). Amsterdam: John Benjamins. (415--dc19 88019286). ISBN 978-90-272-2889-5 (EUR) / 978-1-55619-018-6 (US) (Hb; alk. paper), ISBN 978-90-272-2890-1 (EUR) / 978-1-55619-019-3 (US) (Pb; alk. paper), ISBN 978-90-272-8613-0 (Eb).

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: A prototype analysis. In: Language, v. 61, n. 4, p. 821–848, 1985.

SHIBATANI, Masayoshi. Nihongo no bunseki: Seisei bunnō no hōhō [An analysis of Japanese: The method of generative grammar]. Tokyo: Taishukan, 1978.

SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. DE. Para conhecer morfologia. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

TERADA, Michiko. Incorporation and argument structure in Japanese. Amherst, MA: University of Massachusetts, Amherst, 1990. Dissertação de mestrado.